

# RACISMO INSTITUCIONAL E RACISMO AMBIENTAL NO BRASIL

QUANTO  
 VALE A VIDA?



## **Ficha Técnica**

### **Projeto Editorial**

Ana Cláudia de Jesus Barreto

### **Organização**

Ana Cláudia de Jesus Barreto

### **Texto**

Ana Cláudia de Jesus Barreto  
Josiane Soares Santos

### **Colaboradoras**

Ana Beatriz Souza Pontes (Bolsista Proex)  
Juliana Desiderio Lobo Prudencio

### **Projeto Gráfico/Diagramação e revisão textual**

Agência Silvia Martins

### **Apoio**

Pró-Reitoria de Extensão -PROEX  
Número do SIGPROJ  
375611.2149.353317.22022022

[www.proex.uff.br](http://www.proex.uff.br)



# Apresentação

A cartilha em mãos é produto do curso de extensão Racismo e Serviço Social: Por um exercício profissional qualificado na direção de uma sociabilidade livre do racismo. Realizado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa Espaço e Raça – NEPER, da Universidade Federal Fluminense/ Campos dos Goytacazes, sob a coordenação da Profa. Dra. Ana Cláudia de Jesus Barreto e colaboração da Profa. Dra. Juliana Desiderio Lobo Prudencio, e com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX).

Elaboramos essa cartilha desejando levar a você, profissional de serviço social ou áreas afins, o conteúdo ministrado pelos/as professores/as do curso. A cartilha "Racismo Institucional e Racismo Ambiental no Brasil" foi produzida a partir da aula da Profa. Dra. Josiane Soares Santos e tem como objetivo promover uma reflexão e debate sobre os fundamentos dos desastres ambientais e suas conexões com a exploração do capital a partir da extração dos recursos naturais e a forma com interfere no meio ambiente e sobre a população mais afetada pelos desastres ambientais.

Você já se perguntou de onde vem todas as coisas que compramos e para aonde vão quando nos desfazemos delas? Existe o chamado sistema de economia de materiais, que tem algumas etapas e um delas é a extração. De tanto extrair sem repor, os recursos naturais estão acabando, pois, são finitos! E tudo isso para sustentar um modo de vida consumista. Diariamente são produzidos lixo eletrônico e tóxico, e o descarte vem se dando tanto na natureza como em países com leis mais flexíveis com relação a esse descarte. A discussão ambiental vai muito além da discussão da preservação da flora e da fauna e do descarte do lixo que produzimos em casa. Ela diz respeito à forma como o capitalista explora o meio ambiente e por isso a responsabilidade pela questão ambiental não é igual para todos.

Todos os anos as tragédias ambientais tem-se agravado e causado danos econômicos, materiais e mortes. Contudo, é importante se questionar sobre a população mais afetada por essas tragédias. O racismo ambiental conceito criado pelo Reverendo Benjamin Chavis, discute justamente sobre, por exemplo, o descarte de materiais tóxicos, instalação de lixões e de fábrica poluentes ser em locais de forte presença da população negra. Essa situação concreta e real não pode ser invisibilizada ou naturalizada. O racismo institucional é determinante nas escolhas dessas áreas e regiões da cidade e com a autorização do poder público. Pergunta-se: Por que não instalar lixões onde se concentra a riqueza? Você consegue imaginar o lixão no meio do bairro da Tijuca no Rio de Janeiro? Quando a chuva cai todos os anos nos centros urbanos tem sido tão comum assistirmos casas, carros, moveis sendo levados pela enxurrada e quem é mais afetado/a por essa tragédia? A população negra é quem ocupa as áreas precárias, insalubres e de risco ambiental nos espaços urbanos e essa condição é estrutural, não é opção das pessoas morarem em áreas sujeitas aos desastres ambientais e, sim uma condição estruturada pelo racismo.

Sendo assim, é importante e necessária a compreensão crítica em torno dessa realidade e, ao mesmo tempo, a apropriação do conhecimento sobre o racismo e suas expressões na vida social, a fim de que a dimensão política da profissão seja fortalecida tendo como respaldo os princípios éticos do Serviço Social e, ao mesmo tempo que esse posicionamento político e ético se transformem em ações antirracistas no seu cotidiano profissional. Resistir é necessário! Ubuntu!

## Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Capitalismo e questão ambiental</b>                       | <b>6</b>  |
| <b>Onde vai parar o lixo?</b>                                | <b>17</b> |
| <b>Vamos falar de justiça ambiental e racismo ambiental?</b> | <b>19</b> |
| <b>Referências</b>   | <b>35</b> |

Olá eu sou a Jô e vou acompanhar você numa discussão muito importante para a nossa sobrevivência no planeta Terra. A discussão sobre a questão ambiental, a depender do jeito como é realizada, não a restringe aos impactos humanos sob animais e plantas. É uma conversa muito mais complexa sobre a forma como a produção capitalista interfere no meio ambiente. Segue o fio!



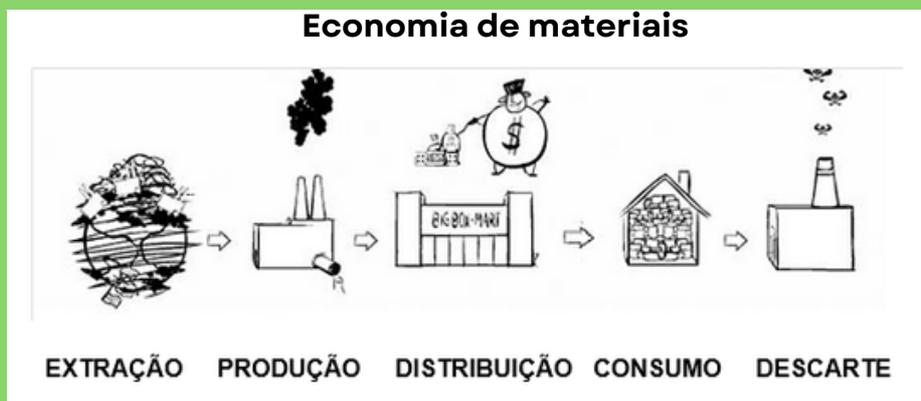
# 1. Capitalismo e questão ambiental

A relação entre a produção capitalista e a utilização dos recursos naturais é, essencialmente, o mecanismo que produz a chamada questão ambiental. O capitalismo é o modo de produção que, ao explorar o trabalho, acaba destruindo a vida da gente como classe trabalhadora de algum modo, porque absorve de modo perdulário a nossa energia vital e utiliza trabalho não pago para produzir mais-valia.



Fonte: [https://ctb.org.br/wp-content/uploads/2020/10/capitalismo\\_exploracao\\_trabalhador\\_tributacao\\_dos\\_ricos100617.jpg](https://ctb.org.br/wp-content/uploads/2020/10/capitalismo_exploracao_trabalhador_tributacao_dos_ricos100617.jpg)

Ao mesmo tempo que o modo de produção capitalista faz esse movimento com a vida humana, também faz movimento destrutivo em relação aos recursos naturais e ao meio ambiente. Você já se perguntou de onde vem todas as coisas que compramos e para aonde vão quando nos desfazemos delas? Preste atenção ao processo abaixo para entender.



Fonte: <https://www.folhavitoria.com.br/economia/blogs/economia-circular/wp-content/uploads/2022/09/179-a-.png>

As matérias-primas serão transformadas em mercadorias que se deslocam ao longo do sistema de economia de materiais. Contudo, no quadro esquemático do sistema não estão todas as etapas e a totalidade da realidade. Em todas as etapas o sistema interage com o mundo real (sociedade, cultura, economia, ambiente) e as pessoas vivem e trabalham em várias etapas desse sistema e elas não aparecem nos processos. Trata-se de um sistema que está em crise, pois vivemos num planeta de recursos finitos com estímulos infinitos e perdulários ao seu consumo. Aqui iremos focar numa etapa que tem uma grande responsabilidade na destruição do planeta que é a: **EXTRAÇÃO**.



Fonte: <https://www.bancariosrio.org.br/index.php/noticias/item/8510-dia-do-meio-ambiente-com-bolsonaro-aumentaram-desmatamento-e-queimadas-na-amazonia>

Nessa fase há uma destruição do meio ambiente, com o corte de árvores e extermínio dos animais, a extração dos metais e estamos ficando cada vez mais sem recursos naturais. Aqui é o nosso primeiro limite: estamos ficando sem recursos naturais, entendeu? Só para você ter uma noção, durante as três últimas décadas foram consumidos 33% dos recursos naturais do planeta. Eles desapareceram!



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/35426253>

"Cortamos, minamos, perfuramos e destruimos o planeta tão depressa que estamos debilitando a capacidade do planeta para sustentar nosso modo de vida". [A história das coisas]\*

\*Acesse o video em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZpkxCpxKill>>

## Produção massiva de lixo através da economia de materiais



Fonte: <https://bulbeenergia.com.br/economia-linear-blog/>

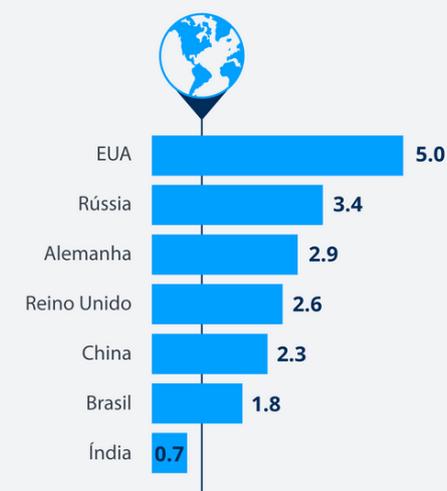
O nível de consumo da população em alguns países é tão grande que um único planeta não é suficiente para atender as necessidades que são reais por um lado, e outras fabricadas pela indústria da propaganda e do consumismo e que em um curto espaço de tempo transforma-se em **LIXO**.

Tem países que estão consumindo muito além da sua capacidade e quando esgotam-se os seus recursos naturais, a resposta encontrada à limitação do planeta, pois afinal só temos um, é ir explorar e tomar os recursos naturais de outros países e o resultado será o mesmo: **DESTRUIÇÃO DO LOCAL**. 75% das zonas de pesca do planeta estão sendo exploradas ao máximo ou além da sua capacidade. Desapareceram 80% das florestas originais do planeta. Na Amazônia perdemos 2.000 árvores por minuto, o equivalente a um campo de futebol por minuto.

## Dia da sobrecarga da Terra em 29/07/2021

### Quantas Terras seriam necessárias

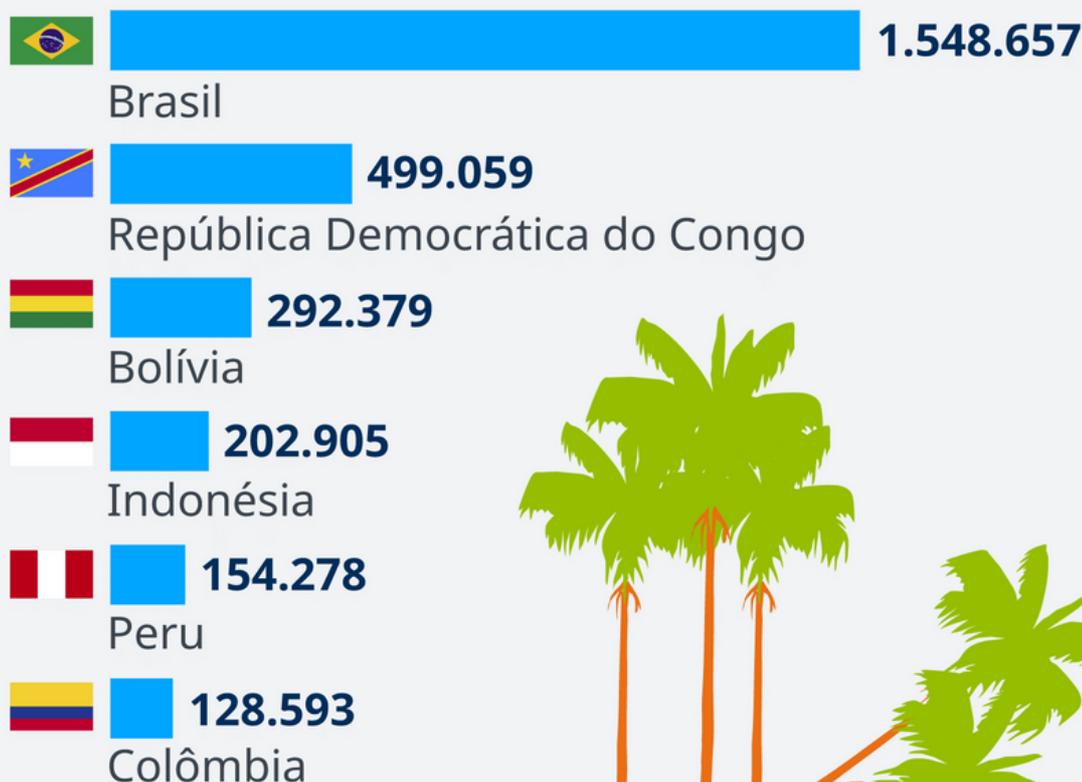
se a população mundial vivesse como...



Fonte: Global Footprint Network and Biocapacity Accounts | 2021

Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/dia-da-sobrecarga-da-terra-chega-mais-cedo/a-58677471>

## Países que mais destruíram florestas tropicais primárias em 2021 (hectare)



Fonte: GFW/WRI

Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/brasil-lidera-destrui%C3%A7%C3%A3o-de-florestas-prim%C3%A1rias-tropicais/a-61617318>

NATUREZA E MEIO AMBIENTE | BRASIL

### Brasil lidera destruição de florestas primárias tropicais

Nádia Pontes  
28/04/2022

Em 2021, 15,5 mil km<sup>2</sup> foram devastados, o equivalente a 40% da perda registrada no mundo, mostra levantamento da Global Forest Watch. Ricas em biodiversidade, florestas tropicais têm papel vital na regulação do clima.



Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/dia-da-sobrecarga-da-terra-chega-mais-cedo/a-58677471>



Bom, isso tudo, Marx chama de falha metabólica, na relação do homem com a natureza sob o regime do capital. Vou explicar melhor!



Esse conceito foi criado observando, por exemplo, o impacto da produção capitalista de comida no solo, na terra. E o que é que ele chama de falha metabólica? A gente extrai da terra os nutrientes e tudo que a terra oferece para produzir o alimento que precisamos e devolve para terra lixo tóxico, e poluição sob a forma de agrotóxicos, materiais descartados na natureza. É isso que estamos fazendo, em escala crescente, desde o início do capitalismo industrial e é isso que caracteriza a chamada questão ambiental.



Aqui está um exemplo prático sobre o lixo tóxico. Desde a pandemia da covid-19, o uso de máscaras é uma das principais medidas de proteção contra a doença. Mas, ao mesmo tempo, o seu descarte se tornou um grande problema ambiental. Milhares de máscaras estão indo parar no mar, nas ruas e nos esgotos.



**Cerca de 1,56 bilhão de máscaras faciais produzidas em 2020 poluirão os oceanos**



Fonte: <https://www.stylourbano.com.br/wp-content/uploads/2020/12/hhh-1.jpg>

Tem quem se preocupe com a própria reprodução e existência humana neste planeta. Não é à toa que existem tecnologias sendo pesquisadas de migração para outros planetas, de descobertas de planetas, se tem condições de vida em outros planetas. Não devemos nos enganar achando que é uma pesquisa aleatória, pois não se investiria um volume de recursos em pesquisa aeroespacial, se não fosse uma necessidade.

Ao mesmo tempo, sabemos também que isso não vai ser para todo mundo, pois, o turismo espacial, é extremamente seletivo. Hoje se tivermos que fazer uso dessa migração para outro planeta, pode ter certeza que nem todas as pessoas terão acesso.

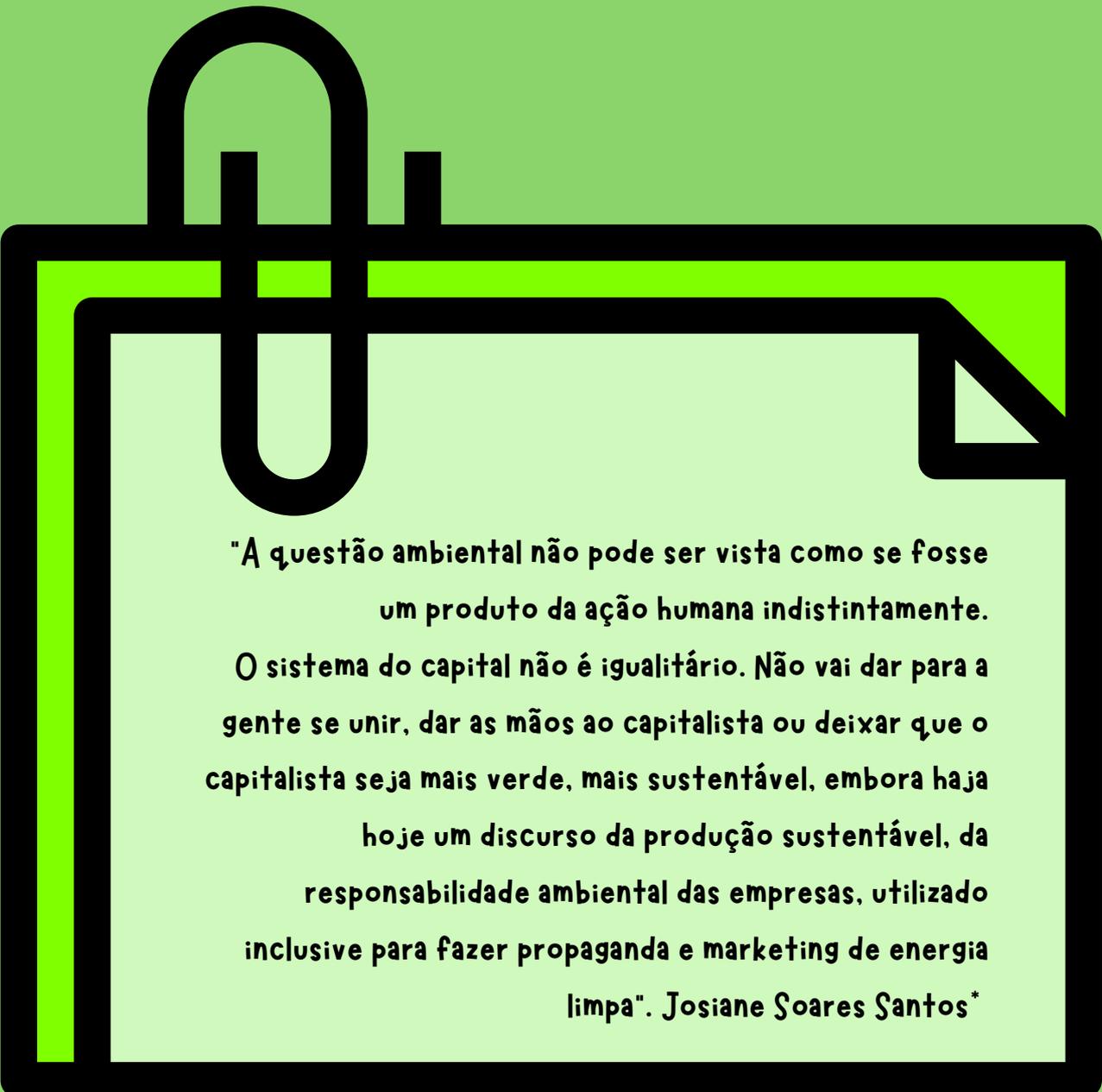


Essas são algumas das questões que atravessam o debate da questão ambiental e os problemas decorrentes (abaixo), tem contribuído para o surgimento das enfermidades e tem se tornado cada vez mais frequentes doenças como o câncer.



Tudo isso tem conexão com a chamada questão ambiental. Portanto quando falamos de questão ambiental, não é uma preocupação somente com plantas e animais, mas também com a nossa própria vida e das nossas condições de sobrevivência, porque além de seres sociais somos também seres naturais, e precisamos interagir com a natureza para viver, a começar pela respiração.





**"A questão ambiental não pode ser vista como se fosse um produto da ação humana indistintamente. O sistema do capital não é igualitário. Não vai dar para a gente se unir, dar as mãos ao capitalista ou deixar que o capitalista seja mais verde, mais sustentável, embora haja hoje um discurso da produção sustentável, da responsabilidade ambiental das empresas, utilizado inclusive para fazer propaganda e marketing de energia limpa". Josiane Soares Santos \***

**A RESPONSABILIDADE NÃO É DE TODOS IGUALMENTE!!!!  
QUEM DESTRÓI O MEIO AMBIENTE É O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA.**

\* Informação verbal ocorrida na aula do Curso de Extensão Racismo e Serviço Social, em julho de 2022.

A empresa capitalista que trabalha com responsabilidade socioambiental e recupera, por exemplo, parte da mata atlântica, planta árvore, etc., não deixa de poluir, de desmatar porque faz a recuperação. A Empresa continua destruindo o meio ambiente, ainda que faça algum nível de reposição desse ambiente através das iniciativas da chamada responsabilidade socioambiental.

É claro, a gente deve evitar jogar o lixo no chão. Isso causa mais lixo, entope o bueiro, causa enchente, gerando muitos problemas. Mas, a produção do papel não é minha responsabilidade e o tanto de lixo que se produz, que está causando esse problema mundialmente não é minha responsabilidade individual. É uma responsabilidade sistêmica e tem gente que ganha dinheiro com isso. E quem ganha é o capital, é a sociedade do capital, é o modo capitalista de produção. Os capitalistas são pessoas concretas, que têm CPF, responsáveis por grande monopólios de produção e, conseqüentemente, pela destruição do planeta e a produção de lixo. Não sou eu, a D. Lourdes, o Sr. Zé, individualmente que tem causado impacto no meio ambiente.



**Os 20 bilionários mais ricos são responsáveis, em média, por 8 mil vezes mais emissões de carbono do que 1,3 bilhão de pessoas em condições de pobreza no mundo, segundo dados da Oxfam. Desse bilhão, 70% são mulheres, que no Brasil chefiam 40% das famílias". (<https://jubileusul.org.br/noticias/raca-genero-e-clima-mulheres-sao-as-mais-afetadas-pelas-mudancas-climaticas/>)**

## 2. Onde vai parar o lixo?



Você sabe onde vai parar o lixo tóxico dos países?

Que existe exportação de lixo tóxico de um país para outro?

Pois é, isso existe. Acontece muito aqui no Brasil e em países africanos. Muito do lixo produzido nos países centrais é levado para outros países, porque eles têm uma legislação protetiva de descarte de lixo e então esse lixo, especialmente o lixo tóxico, não pode ficar nesses países. Aí eles descartam em outros países numa boa, se livram do lixo produzido, depositando em outros lugares, muito longe deles.

**Vai uma dica: assista o vídeo “O país que virou lixão de roupas usadas dos países ricos”. Você encontra em <https://youtu.be/enektksvTqI>**

**Pais da África, Gana se tornou um cemitério de eletroeletrônicos**



Fonte: <https://inovambiental.com.br/2017/07/07/pais-da-africa-se-tornou-um-cemiterio-de-eletroeletronicos/>

Trata-se de um dos maiores “cemitérios de eletrônicos” do mundo, e um dos locais mais poluídos do planeta. A cada ano centenas de milhares de toneladas de lixo eletrônico vindos da Europa e da América do Norte encontram neste espaço seu destino final, no qual têm seus metais valiosos extirpados em uma forma rudimentar de reciclagem. Mercúrio, chumbo, cádmio, arsênico – estas são as quatro substâncias mais tóxicas [no mundo], e são encontradas em grandes quantidades em lixões de eletrônicos”, explica Atiemo Smapson, um pesquisador da Comissão de Energia Atômica de Gana, que conduziu vários estudos sobre a área de Agbogbloshie, usada para o despejo. (<https://inovambiental.com.br/2017/07/07/pais-da-africa-se-tornou-um-cemiterio-de-eletronicos/>)

MENU | **g1** | POP & ARTE | BUSCAR

## O país que virou 'lixão' de roupas de má qualidade dos países ricos

Todas as semanas, mais de 15 milhões de peças de roupas usadas chegam a Gana, mas apenas parte disso consegue ser reaproveitada.

Por BBC  
14/10/2021 10h03 · Atualizado há um ano

[f](#) [t](#) [w](#) [e](#) [l](#) [s](#)

<https://g1.globo.com/pop-arte/moda-e-beleza/noticia/2021/10/14/o-pais-que-virou-lixao-de-roupas-de-ma-qualidade-dos-paises-ricos.ghtml>

**O deserto do Atacama, no Chile, virou lixão de roupas compradas e vestidas nos Estados Unidos, Europa, Ásia**



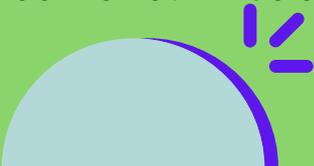
Fonte: <https://www.folhape.com.br/noticias/no-deserto-do-atacama-o-cemiterio-toxico-da-moda-descartavel/205281/>

### 3. Vamos falar de justiça ambiental e racismo ambiental?

A cada verão o calor está mais insuportável de modo geral. Algumas pessoas dizem “Ah, o degelo que sobe as águas do oceano afeta todo mundo” ok! Mas afeta todo mundo do mesmo jeito? Lógico que não, porque as pessoas mais afetadas são pobres, trabalhadores e trabalhadoras, desempregados e desempregadas, pretos e pretas. Então, precisamos colorir essa interpretação.

Essas pessoas vivem em lugares que estão mais expostos às chamadas catástrofes ambientais do que as pessoas de classe alta. Quando a gente observa, por exemplo, em função do calor, as chuvas de verão que inundam os bairros e aí tem toda uma conexão com as subidas dos oceanos, dos excessos de chuva, mas também com a produção de lixo que entope os bueiros, com as cidades que não tem estrutura para aguentar essa chuva.

Quais são as regiões que mais comumente são afetadas pelas enchentes? Quais são as casas, quem são as pessoas que sofrem com a perda de seus bens todos os anos nos meses mais chuvosos? Quem são as famílias? Quem são as pessoas mais afetadas? São as pessoas que moram nos condomínios fechados? Nas periferias e alto do morro? Então essa é a questão!



**"É importante a gente entender que a questão ambiental tem uma classe responsável pela sua existência, mas não é essa mesma classe que sofre mais intensivamente com os resultados dessa destruição toda do meio ambiente, porque com as chuvas, com a frequência dos fenômenos naturais que estão saindo de controle diante da chamada crise ambiental, isso costuma afetar muito mais as pessoas pobres que não tem recursos para morar em uma região que tenha infraestrutura adequada". Josiane Soares Santos \***

\* Informação verbal ocorrida na aula do Curso de Extensão Racismo e Serviço Social, em julho de 2022.

## Vamos dar um exemplo

**Lembra da tragédia do Morro do Bumba?** Em 2010 o chamado Morro do Bumba, localizado na cidade de Niterói-RJ, após as fortes chuvas, não aguentou tanta água e deslizou arrastando tudo que tinha pela frente. 46 pessoas perderam suas vidas nessa tragédia, que poderia ter sido evitada, caso o poder público não permitisse construção em área de risco e desenvolvesse uma política habitacional inclusiva para todos, todas e todes.



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/04/08/para-bombeiros-e-prefeitura-morro-do-bumba-em-niteroi-rj-tinha-200-moradores.htm>

Imagem: Felipe Dana/AP

Aqui você pode verificar que o morro do Bumba estava em cima de um lixão. Uma verdadeira bomba atômica. As pessoas que moravam na localidade certamente não tiveram a oportunidade de morar em local seguro, restando morar em cima do risco ambiental. A culpa não é do morador! E sim, de toda uma estrutura que determina a tragédia.



Fonte: [https://istoe.com.br/64153\\_A+MORTE+NO+LIXAO/](https://istoe.com.br/64153_A+MORTE+NO+LIXAO/)

É aí que as coisas começam a se cruzar: a questão ambiental com a questão racial, por quê? Porque no caso do Brasil e não só, as pessoas frequentemente afetadas pelos desastres ambientais, são as pessoas negras e esses desastres têm sido cada vez mais recorrentes. Podemos pensar do mesmo modo outros desastres naturais como furacões e também a própria epidemia da COVID-19. A produção do vírus da Covid-19 tem a ver com essa interferência humana no ambiente e a propagação de determinados animais que passam a transitar no ambiente humano.



RÁDIO  
**Brasil de Fato**

INÍCIO Programação Podcasts Programas BDF Como ser uma Rádio Parceira Fale conosco

INÍCIO > PODCASTS > REPÓRTER SUS  
NECROPOLÍTICA

## Negros são os que mais morrem por covid-19 e os que menos recebem vacinas no Brasil

Para pesquisadora da Abrasco, apagão de dados étnico-raciais evidencia ausência de ação governamental para evitar óbitos

Caroline Oliveira e Ana Paula Evangelista  
21 de Abril de 2021 às 07:00

Ouça o áudio:

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/21/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil>

Então, a Covid-19, entre outros fatores, estão indicando para nós que setores da população mundial são mais afetados pela crise ambiental e por isso começa a se propagar mundialmente um movimento chamado de “justiça ambiental”, que é um movimento iniciado nos EUA na década de 1970 e que quer chamar atenção exatamente para essa desigualdade no impacto ambiental de determinados fenômenos e aí vamos vendo como aparece o conceito de racismo ambiental associado com esse debate da chamada injustiça ambiental.

O conceito de justiça ambiental surgiu nos Estados Unidos, centrado na luta travada por grupos étnicos afetados pelo racismo ambiental, pois em 1987, um relatório científico divulgado pelo Comitê para a Justiça Racial da Igreja Unida de Cristo denunciou as ligações entre a degradação ambiental e a discriminação racial. O estudo utilizava dados estatísticos para demonstrar que a localização de lixeiras com resíduos tóxicos coincidia com a das comunidades de negros, hispânicos e asiáticos. Trata-se de um marco histórico, fortemente ligado com o surgimento de movimentos de justiça ambiental nos EUA que relacionaram a luta antirracista com a defesa do meio ambiente. (Âmbito Jurídico, 2009).

O reverendo Benjamin Chavis, na ocasião diretor da comissão responsável pela realização da pesquisa, foi quem cunhou a partir da experiência em Warren County o termo “racismo ambiental” para designar “a imposição desproporcional - intencional ou não - de rejeitos perigosos às comunidades de cor.” (SILVA, 2012, p.89)



Reverendo Benjamin Chavis

## **Para onde vai parar o lixo? Onde estão localizadas as empresas que trabalham com incineração? Onde estão localizados os aterros sanitários?**

Essa decisão é do poder público!

Vinte anos depois, os dados foram revistos por peritos da área da Sociologia Ambiental, os quais refinaram a pesquisa inicial introduzindo novas técnicas mais precisas. O estudo veio reforçar a descoberta original, ao demonstrar que, no processo de escolha de locais para depósito de resíduos perigosos, o fator mais determinante é a “raça”, etnia, dos habitantes. E o pior é que esta relação se tornou ainda mais forte nos últimos anos. Assim, à medida que nos aproximamos destes locais poluídos, o rendimento médio diminui, e a percentagem de negros, hispânicos e asiáticos aumenta. (Âmbito Jurídico, 2009).

A convenção de Basileia criada em 1989 e atualizada em 1993 proíbe a exportação de lixo tóxico entre países, ou seja, o Estado não deve permitir que se receba lixo tóxico por mar, terra ou qualquer outro meio. Mas mesmo assim acontece a exportação de lixo tóxico e geralmente vai parar em países africanos, por isso estamos falando do racismo ambiental e de injustiça ambiental.



**Racismo ambiental** é a discriminação racial na elaboração de políticas ambientais, aplicação de regulamentos e leis, direcionamento deliberado de comunidades negras para instalações de resíduos tóxicos, sanção oficial da presença de venenos e poluentes com risco de vida às comunidades e exclusão de pessoas negras da liderança dos movimentos ecológicos.

(Fonte: <https://agenciajovem.org/voce-sabe-o-que-e-racismo-ambiental/>)



# O que é racismo ambiental?

é o recorte racial entre quem se beneficia e quem sofre com a destruição da natureza



Fonte: <https://arvoreagua.org/crise-climatica/racismo-ambiental>

O Estado no capitalismo é um Estado racial por natureza (ALMEIDA, 2019). O Estado moderno, capitalista tem uma ação racial nítida desde a sua gênese quando, por exemplo, no caso brasileiro, ainda na Colônia portuguesa, revive a escravidão, remodela a escravidão moderna no contexto de acumulação capitalista. Mostra-se um Estado com visível intencionalidade e ação racista.

O racismo institucional corresponde exatamente a esses mecanismos de exclusão seletiva dos benefícios gerados pelo Estado e usufruídos por grupos raciais de modo diferente. Então intencionalmente o Estado toma decisões, aciona políticas públicas ou não, privilegia determinadas áreas de moradia, determinadas pessoas, determinados grupos sociais e quando você observa a característica dos grupos que não são privilegiados, esses grupos têm conotação racial nítida.

No caso brasileiro, podemos colocar aí não só negros e negras, mas também populações tradicionais de modo geral, incluindo os indígenas, incluindo pescadores, pescadoras, população ribeirinha, enfim, diversos grupos sociais que sofrem com essa ação intencional do Estado, no sentido de decisões que prejudicam a sua sobrevivência.

Existe um determinante da desigualdade de classe e existe um determinante étnico-racial associado, sobrecarregando a parcela da população mundial que sofre hoje com a questão ambiental. E, em países onde têm racismo estrutural como é o caso do Brasil, sofrem associadamente a questão ambiental e racial.

### **Estudos revelam que os mais afetados pelo racismo ambiental tem cor, renda e endereço**



Fonte: <https://andi.org.br/2023/02/estudos-revelam-que-os-mais-afetados-pelo-racismo-ambiental-tem-cor-renda-e-endereco/>

## Desastre ambiental em Mariana, MG em 2015\*



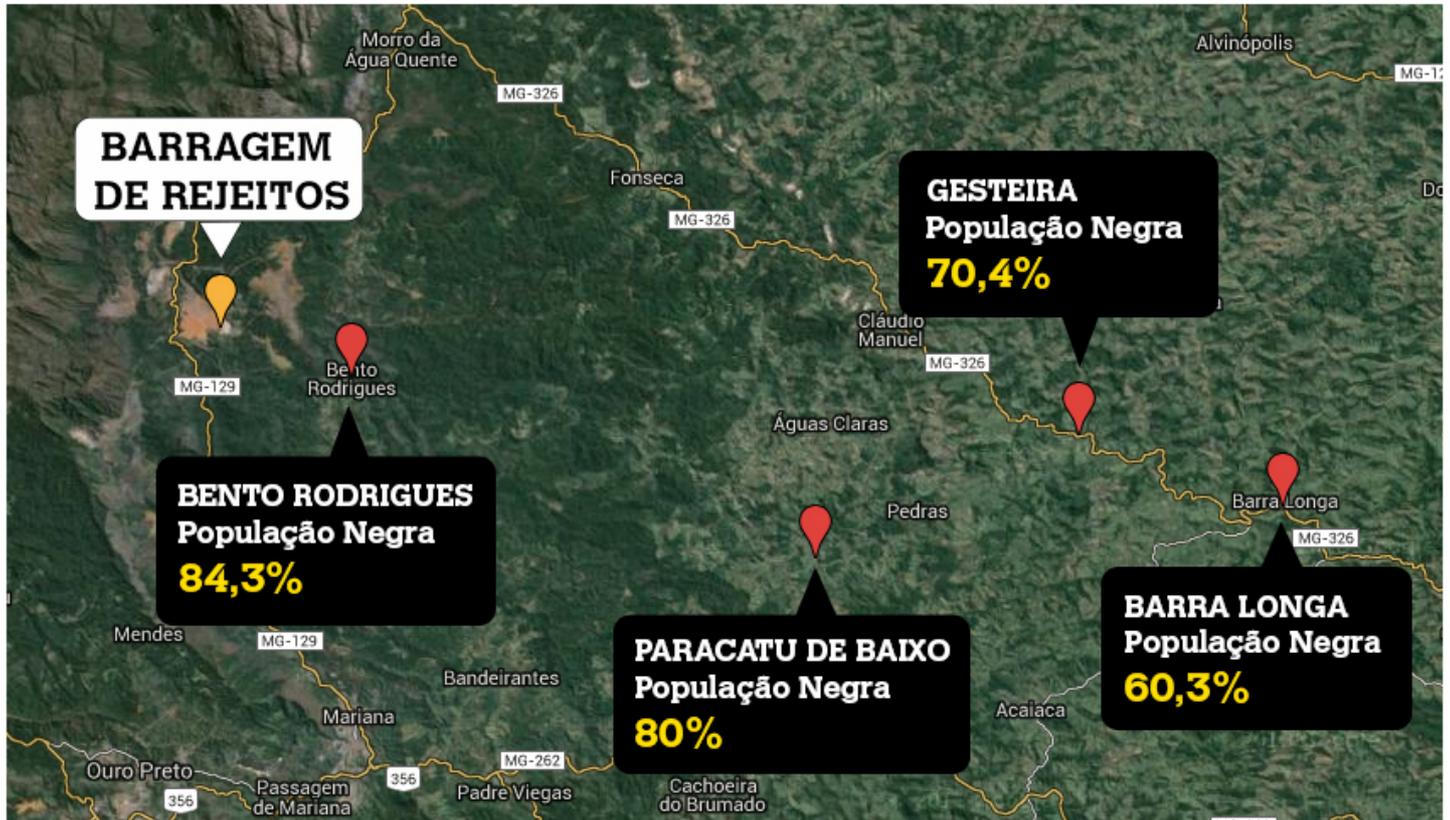
Na cidade de Brumadinho (MG). Os dois bairros mais impactados pela onda de rejeitos tinham como maior parte da população pessoas negras. Com isso, entra o questionamento: os desastres ecológicos e as mudanças climáticas também respondem aos vieses, preconceito e discriminação que norteiam as estruturas das sociedades?

Na época, uma barragem da mineradora Samarco se rompeu, jogando rejeitos na bacia no Rio Doce, destruindo uma cidade próxima e matando ao menos 19 pessoas. Das vítimas imediatas do rompimento, 84,5% eram negras.



\*Informação disponível em < :[https://www.politize.com.br/racismo-e-injustica-ambiental/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAjw\\_MqgBhAGEiwAnYOAelzw6VXLAmhCW8y0H6iUPa3mRzyxgdcWXvEzj100Jx0E9T0fttAZGBoCHVMQAvD\\_BwE](https://www.politize.com.br/racismo-e-injustica-ambiental/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAjw_MqgBhAGEiwAnYOAelzw6VXLAmhCW8y0H6iUPa3mRzyxgdcWXvEzj100Jx0E9T0fttAZGBoCHVMQAvD_BwE)

# RACISMO AMBIENTAL NO DESASTRE EM MARIANA



Fonte: <http://www.global.org.br/wp-content/uploads/2015/11/racismo-ambiental.jpg>



**"Em um mundo que a raça define a vida e a morte, não a tomar como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a ciência e com a resolução das grandes mazelas do mundo". (ALMEIDA, 2019).**



Fonte: <https://twitter.com/SBPCnet/status/669944713743568896>

Não podemos falar de questão ambiental sem enxergar onde que reside a responsabilidade pela geração de todas essas questões e como isso sobrecarrega exatamente a fração pobre e negra da população mundial, não só entre países, mas dentro dos próprios países.

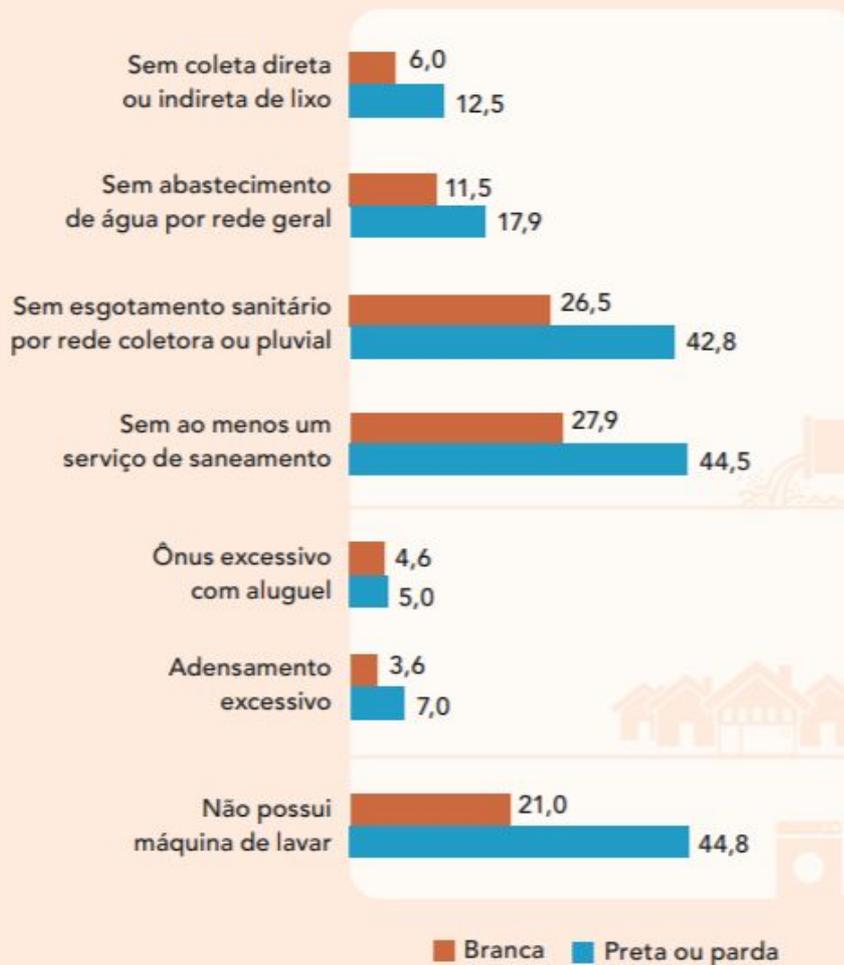
A Síntese de Indicadores Sociais (SIS), feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, apontou que, 54,7% dos domicílios em que a pessoa residente era negra ou parda tinham acesso aos serviços de abastecimento de água, rede de esgotamento e coleta direta ou indireta de lixo. Mas, entre os domicílios em que a pessoa residente era branca, o índice sobe para 72,1%. Para as mulheres negras, sobretudo mães soltas, a situação é ainda pior. Segundo o estudo "O saneamento e a vida da mulher brasileira", 41 milhões de mulheres não têm acesso adequado à infraestrutura sanitária e ao saneamento, sendo que 40% são mães negras e solteiras. Fonte: <https://habitatbrasil.org.br/pobres-negros-jovens-nao-tem-saneamento-basico/>

Esses dados já ouvimos de outra forma quando discutimos cidade, habitação e vários outros assuntos de política pública. A informação a partir de raça/cor sempre traz os piores indicadores relacionados às condições de vida da população negra no Brasil. Só que essa é a questão!

**Na nossa interpretação, a gente pode associar a isso a variável ambiental no sentido de saber que a ausência de todos esses serviços acaba tendo um impacto ambiental na saúde dessas pessoas, nas condições de habitabilidade. Então isso pode ser lido também sobre o ângulo da questão sócio ambiental e portanto, além de expressão do racismo, consideramos tais fatores como expressões do racismo ambiental". Josiane Soares Santos\***

\* Informação verbal ocorrida na aula do Curso de Extensão Racismo e Serviço Social, em julho de 2022.

### Pessoas residindo em domicílios sem acesso a serviços de saneamento, com inadequações domiciliares e posse de bens (%)



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018.

Precisamos questionar o por que. Por que há uma escolha deliberada do Estado em dotar determinadas áreas de infraestrutura e retardar o seu acesso em outras? As áreas de ocupação subnormal, irregular costumam ser os locais para onde são empurradas as pessoas negras nos centros urbanos brasileiros.

A terra que é uma mercadoria, é valorizada em determinadas áreas e essas pessoas por sua vez são removidas dessas áreas valorizadas, são convidadas a se retirar por ações higienistas do Estado que as empurram para áreas sem infraestrutura. Estas, por sua vez, permanecem sem infraestrutura por décadas porque o Estado não provê esses serviços e aí reside a ação racial explícita do racismo institucional presente.

### **Falta de saneamento básico é uma das consequências do racismo ambiental.**



Fonte: <https://www.conectas.org/noticias/entrevista-como-o-racismo-ambiental-afeta-a-vida-das-pessoas-negras-e-indigenas>/Foto: Arquivo/EBC

Então chamar a atenção as condições às quais foi submetida pode ser importante também no sentido de repensar, de interferir, de tentar explicitar a necessidade racialmente determinada de acesso a esses bens de infraestrutura que são direito de todos e todas nós constitucionalmente, no ponto de vista da condição ambiental.

O racismo ambiental é uma representação da diáspora dos povos africanos. A condição que era submetida a população da diáspora vindo no navio negreiro para países como o Brasil eram subumanas. Depois as condições de habitabilidade das senzalas e toda a estrutura que passou a ser ocupada pela população negra brasileira depois do fim da escravidão no Brasil formalmente e que vai constituir essas áreas que hoje conhecemos como periferizadas sem nenhuma estrutura. A similaridade é total. Na verdade, é uma repetição das condições de exposição dessa parcela da população a essa ausência de provimento de estrutura para viver em um ambiente adequado, então isso pode ser lido também sobre a ótica do racismo ambiental.

A profa. Josiane Soares trabalhou num levantamento de alguns materiais com uma equipe de pesquisa de iniciação científica da Universidade Federal de Sergipe. Eles estudaram algumas teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação que analisam situações caracterizadas como racismo ambiental pelos autores e autoras.

**Acesse o artigo para conhecer os exemplos. Vá até o site <https://periodicos.ufes.br/temporalis/issue/view/1445> e baixe o artigo “RACISMO AMBIENTAL E DESIGUALDADES ESTRUTURAIS NO CONTEXTO DA CRISE DO CAPITAL”.**

Um exemplo que podemos citar é a epidemia do Zika vírus no Brasil como expressão de racismo ambiental. Quando a pesquisadora foi olhar os dados da composição racial das mães. As mesmas são de maioria preta, moram predominantemente no Nordeste e tiveram os filhos afetados durante a gravidez entre 2015-2016.

Em Pernambuco, estado mais afetado pela epidemia, dados da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social corroboram a impressão inicial. Até outubro de 2016, dos 392 casos confirmados de bebês com microcefalia no estado, 223 são filhos de famílias vinculadas ao Cadastro Único de benefícios sociais do estado. Ou seja, 57,3% deles são filhos de famílias que ganham até R\$ 85 por mês e recebem o Bolsa Família. O cadastro mostra ainda que 70% das mães dessas crianças são jovens de 14 a 29 anos, 77% são negras e 89% estariam aptas a receber o Benefício de Prestação Continuada (BPC), benefício assistencial concedido pelo INSS a idosos ou pessoas portadoras de alguma deficiência e que ganham menos de um quarto do salário-mínimo por mês, o que equivalente a R\$ 220.

Fonte:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-11/epidemia-de-zika-e-microcefalia-evidencia-desigualdades-sociais-e-de-genero>



[https://imagens.ebc.com.br/DJLC0gSkBq4XpTklwu5zhpitlm8=/1170x700/smart/https://agencia-brasil.ebc.com.br/sites/default/files/atoms/image/frame\\_20.jpg?itok=34m5MbKt](https://imagens.ebc.com.br/DJLC0gSkBq4XpTklwu5zhpitlm8=/1170x700/smart/https://agencia-brasil.ebc.com.br/sites/default/files/atoms/image/frame_20.jpg?itok=34m5MbKt)

Então, vemos que várias situações ambientais tem relação com gênero e raça e que podem ser lidas à luz do chamado racismo ambiental. Apesar de ele ter sido originado no contexto norte-americano, onde a população negra é minoria.

Aqui não! No caso brasileiro a população negra é majoritária e a ação do Estado brasileiro é inequivocamente racista, isso para não falar da demarcação de terras indígenas, das consequências da poluição da mineração, por exemplo, os chamados acidentes, que, na verdade devem ser chamados de crimes ambientais, como o de Brumadinho (MG) e o de Mariana (MG). A população afetada também tem cor, tem classe social e gênero e sofre com a questão do descarte dos rejeitos sólidos.

← VOLTAR

NOTÍCIA - 15/10/2021

## Entrevista: Como o racismo ambiental afeta a vida das pessoas negras e indígenas

Especialista em sociologia urbana e ativista ambiental, Rita Maria da Silva Passos afirma que "os espaços de onde as pessoas podem ser removidas e negligenciadas têm cor: são pretos, são indígenas"

<https://www.conectas.org/noticias/entrevista-como-o-racismo-ambiental-afeta-a-vida-das-pessoas-negras-e-indigenas/#:~:text=Conectas%20E2%80%93%20C3%89%20poss%C3%ADvel%20dizer%20que,express%C3%A3o%20do%20nosso%20racismo%20estrutural.>

As questões ligadas às mudanças climáticas afetam diretamente a população negra, principalmente nos casos de racismo ambiental. Nossas comunidades quilombolas, terreiros, comunidades pesqueiras e rurais são, em sua maioria, vítimas da especulação imobiliária, de todo esse impacto climático e dos crimes ambientais nos territórios, para servir ao capital. E sabemos que essas comunidades são majoritariamente de mulheres negras, ainda que faltem dados” (Lourdes Vieira).

<https://jubileusul.org.br/noticias/raca-genero-e-clima-mulheres-sao-as-mais-afetadas-pelas-mudancas-climaticas/>



Fonte: Osgemeos

## Referências

ALMEIDA, Silvio de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén, 2019

SILVA, Laya Helena Paes e. Ambiente e justiça: sobre a utilidade do conceito de racismo ambiental no contexto brasileiro », e-cadernos CES [Online], 17 | 2012. Disponível em <<http://journals.openedition.org/eces/1123>>. Acesso em 04 abr de 2023.

SANTOS, Josiane Soares [et al.]. Racismo ambiental e desigualdades estruturais no contexto da crise do capital. Revista Temporalis. Brasília (DF), ano 22, n. 43, p. 158-173, jan./jun. 2022.

## Sites visitados

<https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-ambiental/justica-ambiental-um-instrumento-de-cidadania/>

<https://jubileusul.org.br/noticias/raca-genero-e-clima-mulheres-sao-as-mais-afetadas-pelas-mudancas-climaticas/>

<https://inovarambiental.com.br/2017/07/07/pais-da-africa-se-tornou-um-cemiterio-de-eletronicos/>

<https://habitatbrasil.org.br/pobres-negros-jovens-nao-tem-saneamento-basico/>

<https://agenciajovem.org/voce-sabe-o-que-e-racismo-ambiental/>

## Sites dos videos

**A história das coisas.** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZpkxCpxKill>>

**O país que virou lixão de roupas usadas dos países ricos.** Disponível em <<https://youtu.be/enektksvTqI>>

